

Credor ataca proposta do Brasil para dívida

19 DEZ 1990

JORNAL DE BRASÍLIA

Washington William R. Rhodes, o executivo do Citicorp que lidera o comitê de bancos credores do Brasil, afirmou ontem que ao mesmo tempo que receberam bem a promessa de uma retomada parcial dos pagamentos de juros da dívida externa no primeiro trimestre de 1991, oficializada no início da semana pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, os bancos ficaram desapontados porque o governo do Brasil ainda se recusa a tratar dos juros atrasados. Rhodes disse que "um amplo fosso continua entre o comitê de bancos e o governo" nessa questão.

A declaração de Rhodes, divulgada através de um porta-voz, contém um recado aos governos dos países industrializados e aos organismos financeiros desde o final de setembro passado: mantenham a pressão sobre o governo Collor. "O governo brasileiro enganou-se se fez este gesto pensando nos credores oficiais", disse um banqueiro. "A negociação é entre o governo e os bancos".

O pagamento anunciado pelo governo foi classificado por um outro banqueiro como "um cheque no correio". A razão é que os bancos só verão a maior parte do dinheiro no final de março, pois, tecnicamente, esta é a época do vencimento de 85% do pagamento oferecido.

Isolamento

Quebrar o isolamento na área oficial é o objetivo da missão que o negociador da dívida, Jório Dauster, iniciou ontem em Washington, junto aos organismos multilaterais de crédito, depois de comunicar aos banqueiros a decisão unilateral do Brasil de reiniciar os pagamentos de uma parte da dívida. Ao deixar

a reunião, o negociador classificou como "positiva" a reação dos bancos ao gesto do governo. "Naturalmente, eles querem mais", disse.

Em Washington, Dauster se reuniu com os técnicos do Fundo Monetário Internacional e, no início da noite, tinha encontro marcado com o diretor da instituição, Michel Camdessus, para, segundo disse, acertar a ida ao Brasil, "em janeiro" de uma missão do fundo para renegociar a carta de intenção fechada em setembro. Não é certo que Camdessus atenderá a solicitação brasileira. A posição do fundo era de que o envio de uma missão ao Brasil só se justificaria diante de perspectivas claras de acordo com os bancos. Embora o clima para as conversas possa ter

melhorado com o gesto brasileiro, a declaração de Rhodes deixa claro que um acordo é uma hipótese ainda distante.

Uma fonte do comitê declarou segunda-feira que não haverá acordo sem que governo pague uma parte dos juros de 1990 e sugeriu que o pagamento de 30% dos vencimentos ocorridos desde que as negociações foram iniciadas, em outubro, poderia ser uma base para um compromisso. Os pagamentos já vencidos e a vencer no trimestre deste ano somam cerca de US\$ 725 milhões. O que talvez queira dizer que, apesar da cara feia dos bancos, que separa o País de um acordo pode ser quantificado em pouco mais de US\$ 200 milhões. (A.E.)